

ARTIGO

WALTER RODNEY, O SOCIALISMO AFRICANO E O CONCEITO DE GUERRILHA INTELECTUAL

IURI CAVLAK

Professor de Teoria da História da Unifesp.
ORCID: <https://orcid.org/000-0001-51758979>

RESUMO: Walter Rodney foi um dos mais importantes historiadores de sua geração. Nascido na Guiana Inglesa, se formou em História na Jamaica, doutorou-se em História da África, em Londres, e trabalhou como professor universitário na própria Jamaica e na Tanzânia. Articulou rigorosa formação e atuação acadêmica com a perspectiva marxista e o movimento negro. Participou ativamente da construção do socialismo e das lutas sociais nos anos 1960 e 1970. A partir de 1975, passou a desenvolver o conceito de “guerrilha intelectual”, maneira singular de conceituar o papel do intelectual militante negro naquele momento. Neste artigo, pretendo refletir sobre a atuação do autor na Tanzânia e no Caribe, de sorte a delimitar a formação e o significado da “guerrilha intelectual”. Minha hipótese é a de que Rodney forjou esse conceito buscando articular a esfera acadêmica com a política, realizando a segunda através da primeira. Assim, o conceito seria um desdobramento de sua militância anterior nos dois continentes. Centro minha análise num longo depoimento do autor concedido quando lecionava num semestre nos Estados Unidos, problematizando sua fala e tirando consequências de sua reflexão sobre a realidade que o cercava. Além de buscar entender o conceito de “guerrilha intelectual”, objetivo também expor as interpretações do autor sobre as lutas sociais, o marxismo e a relação entre vida intelectual e a construção do socialismo naquela etapa histórica.

PALAVRAS-CHAVE: História. Guerrilha Intelectual. África. Caribe. Socialismo.

WALTER RODNEY, AFRICAN SOCIALISM AND THE CONCEPT OF INTELLECTUAL GUERRILLA WARFARE

ABSTRACT: Walter Rodney was one of the most important historians of his generation. Born in British Guyana, he graduated in History in Jamaica, received a PhD in African History in London, and worked as a university professor in Jamaica and Tanzania. He articulated rigorous academic training and performance with the Marxist perspective and the black movement. He actively participated in the construction of socialism and social struggles in the 1960s and 1970s. From 1975 onwards, he began to develop the concept of “intellectual guerrilla”, a unique way of conceptualizing the role of the black militant intellectual at that time. In this article, I intend to reflect on the author's work in Tanzania and the Caribbean, in order to delimit the formation and meaning of the “intellectual guerrilla”. My hypothesis is that Rodney forged this concept seeking to articulate the academic sphere with politics, realizing the second through the first. Thus, the concept would be an offshoot of his previous militancy on both continents. I focus my analysis on a long statement given by the author when he was teaching for a semester in the United States, questioning his speech and drawing consequences from his reflection on the reality that surrounded him. In addition to seeking to understand the concept of "intellectual guerrilla warfare", I also aim to expose the author's interpretations of social struggles, Marxism and the relationship between intellectual life and the construction of socialism at that historical stage.

KEYWORDS: History, Intellectual Guerrilla, Africa, Caribbean, Socialism.

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2025v84p574-602>

Recebido em: 12/04/2025

Aprovado em: 26/04/2025



1 Introdução

Walter Antony Rodney foi um dos maiores historiadores de sua geração. Nascido na então Guiana Inglesa, em 1942, teve uma infância humilde materialmente e imersa no universo socialista. Seus pais, alfaiates, militaram no PPP (*People's Progressive Party*), partido multiétnico de inspiração marxista. Rodney distribuía panfletos e frequentava as assembleias e grupos de discussão em Georgetown, ainda criança e adolescente.

Em 1959, ganhou uma bolsa de estudos e foi cursar a graduação em História na *West Indie University* (WIU), campus de Mona, na Jamaica. Um ano antes havia sido criada a Federação das Índias Ocidentais, reunião das então colônias britânicas na região no sentido de uma união com graus elevados de autonomia. Esgotada essa iniciativa, as ilhas foram pleiteando independência, sendo a Jamaica a primeira delas a conquistá-la, em agosto de 1962. Rodney lá estava, estudando e participando daquela nova realidade, de tal sorte a vivenciar e refletir sobre os limites e possibilidades para o surgimento de novos países independentes no caribe inglês, no bojo de sociedades de imensa maioria negra.

Após defender seu doutorado em Londres, em 1966, com uma tese sobre História da África (*A History for the Upper Guinea Coast (1545-1800)*), Rodney partiu para a Tanzânia assumindo um cargo de professor em Dar-es-Salaam. Voltou para a Jamaica, agora como professor de História na WIU, por um breve período, em 1968, sendo declarado *persona non grata* nesse país por conta de sua militância no movimento *Black Power* e no socialismo. Quando estava em Londres, ele havia solidificado sua formação marxista frequentando grupos de estudos e ilustrando-se nessa perspectiva de mundo. Na Jamaica, no contexto de seu banimento, explodiu uma revolta popular, com dezenas de carros e ônibus incendiados e pessoas baleadas e presas. Foi o chamado *Rodney's Riot* (Yabara-Boukari, 2018, p. 153).

Depois desse episódio, Walter Rodney regressou à Tanzânia, permanecendo lá até 1974. Importa dizer que esse país atravessava uma extraordinária experiência socialista, sob o comando de Julius Nyerere, político que também possuía formação acadêmica em História.

Como a Jamaica, a então chamada Tanganyca havia logrado sua independência frente à Inglaterra, no caso em 1961. Conseguiu se fundir

com a ilha de Zanzibar, em 1964, formando oficialmente a República Unida da Tanzânia. Se fortaleceu na região, caminhando a passos largos para uma organização social original e com grandes diferenças em relação aos países de economia de mercado. Nyerere batizou a nova formação social de *Ujamaa*, na língua *swahili* sinônimo de solidariedade e irmandade. Para o Estado tanzaniano, significava “socialismo africano”.

Entre fins de 1968 e meados de 1974, Walter Rodney participou umbilicalmente desse processo. Muito próximo a Nyerere, desenvolveu trabalhos de educação popular na zona rural, aconselhamento na questão industrial e aportes teóricos em livros e artigos sobre a história da região e as perspectivas do socialismo naquele contexto temporal e espacial.

Ao receber um convite para lecionar na Guiana, independente da Inglaterra desde 1966, Walter Rodney partiu para Georgetown, tendo o dissabor de ser proibido de imediato pelo governo de trabalhar na universidade. O líder guianês Forbes Sampson Burnham, à época, declarava presidir uma república cooperativista, não obstante o altíssimo grau de repressão política aos intelectuais e aos trabalhadores em geral.

Em 1975, já um historiador conhecido e respeitado, contando apenas 33 anos de idade, Rodney trabalhou por um semestre no *African Studies and Reserach Center*, na Cornell University, nos Estados Unidos. Em 30 de abril e 1º de maio daquele ano, concedeu entrevistas durante dois dias aos professores Vincent Harding, Robert Hill, William Strickland e Howard Dodson, refletindo não só sobre a experiência socialista na Tanzânia, mas sobre o movimento negro como um todo, as particularidades da África, Caribe e América e as potencialidades do marxismo e do socialismo articulados ao *Black Power*.

Após sua morte, em função de um atentado à bomba em 1980, essa conversa foi transcrita e publicada em livro, com o título de *Walter Rodney Speaks: The Making Of an African Intellectual* (1990), infelizmente ainda sem tradução para o português.

O objetivo deste artigo é extrair algumas passagens do livro e refletir sobre seu conteúdo. Minha hipótese é a de que, após uma experiência de militância e docência no Caribe recém-independente, e de docência e construção socialista na África, Rodney desenvolveu o conceito de “guerrilha intelectual”, uma diretriz que o guiaria pelo restante de sua trajetória.

De volta da Tanzânia, Rodney enfrentou novamente a militância socialista em uma sociedade capitalista, o que o levou, a meu juízo, a condensar nesse conceito seu *métier* de professor e revolucionário. Tanto o conceito de “guerrilha intelectual” quanto as considerações que aparecem em *Walter Rodney Speaks: ...* operam em duas variáveis: a individual, fornecendo elementos para entendermos e problematizarmos a dupla face do autor, acadêmico e revolucionário, e a coletiva, isto é, uma determinada conceituação desse grande intelectual sobre as realidades do Caribe, África e América na metade dos anos 1970.

Meu objetivo neste artigo, nesse sentido, também repousa na análise das considerações do autor sobre aquele momento histórico e sua própria leitura sobre si mesmo, num contexto de lutas e transformações. Rodney, diferentemente de outros historiadores de sua geração, tinha uma visão global das ligações econômicas, políticas e culturais entre a África e a América.¹ Articulava, também de maneira original, o marxismo com a teoria e a prática do movimento negro no Caribe, do socialismo na África e até da perspectiva rastafari. Entendo que é possível, extratando e analisando as passagens da obra aqui em tela, reconstituir e refletir sobre essa tensa e profícua combinação.

O termo “guerrilha intelectual” quase sempre aparece entre aspas no original, uma demonstração de que o autor não estava com o conceito pronto, mas o desenvolvia conforme se deslocava e se encaixava nas instituições em que passava a atuar. Minha hipótese é a de que o conceito tem algumas facetas explícitas, que outros intelectuais de esquerda da época também defendiam, junto com facetas menos visíveis, reclamando então uma análise mais demorada e pormenorizada.

Na confecção final de *Walter Rodney Speaks: ...*, os editores suprimiram as perguntas, de modo que o texto segue fluído sem interrupções, com passagens de um assunto a outros levados por eventuais questões colocadas ao autor no momento das entrevistas. Meu método foi percorrer com atenção às passagens, retirar o que entendi ser de maior importância e analisar. Assim,

¹ Immanuel Wallerstein reconheceu, em escrito nos anos 1980, que Walter Rodney havia sido o primeiro historiador conhecido a dominar plenamente o conceito de “economia mundo”, antes que se tornasse uma perspectiva importante na historiografia contemporânea (WALLERSTEIN, 1985, p. 331).

o texto segue no original inglês, visando permitir ao leitor o contato mais direto com o registro. Assinalo ao fim de cada citação o número da página onde se encontra.

Organizei o texto que se segue da seguinte maneira. Primeiro, apresento uma contextualização da situação política e econômica da Tanzânia através da bibliografia disponível em português. Por se tratar de um país pouco visitado pela historiografia brasileira, entendi pertinente essa questão introdutória. Depois, com a análise do material de Rodney, reflito sobre a Tanzânia e o autor, cotejando suas considerações com a perspectiva histórica mais ampla. Por fim, seguindo com a análise da fonte, proponho uma reflexão sobre o contexto do Caribe, dos Estados Unidos, onde Rodney se encontrava, e da Guiana, para onde iria.

Se minha hipótese estiver correta, penso que esse amálgama de experiências se condensou nos termos “guerrilha intelectual”, um amadurecimento que o autor havia vivido até então e uma projeção para as lutas e trabalhos acadêmicos vindouros.

Na preparação para a escrita deste artigo, me deparei com um único trabalho de Tunde Adeleke, curto artigo que tangencia a questão da guerrilha intelectual segundo Walter Rodney (Adeleke, 2000). A meu juízo, trata-se de uma excelente reflexão sobre o objeto. Embora esteja de acordo com Adeleke, penso ser necessária uma articulação mais demorada entre o conceito e o contexto histórico em que Rodney esteve inserido, sobretudo na África, o que intento nesta ocasião.

2 O Contexto do Socialismo na Tanzânia

A maioria dos processos de independência dos países na África remete diretamente ao contexto do final da Segunda Guerra Mundial. derrota do nazifascismo levou a um pacto de inserção no horizonte da economia de mercado das colônias europeias, com graus controlados de inserção no bloco do Ocidente. Cada caso variou tanto a conflitualidade, de independências definidas no papel a outras pelas armas, quanto a hegemonia política, algumas entrando na esfera estadunidense e outras nas esferas soviética e chinesa (Hobsbawm, 1999).

A Guerra Fria foi fundamental, a meu juízo, dentro dessa correlação de forças que, progressivamente, moldou a nova etapa dessa soberania na periferia do sistema. Estados Unidos, União Soviética e China foram cada vez mais se envolvendo numa disputa militar e geopolítica, abrindo espaço para que forças médias e pequenas pudessem tentar escapar desse cenário.

Os anos 1950 viram passo a passo essa nova conjuntura se concretizar. Em 1955, na Indonésia, ocorreu a Conferência de Bandung, onde líderes como o egípcio Gamal Abdel Nasser, o indiano Jawaharlal Nehru e Kusno Sukarno, Primeiro Ministro do país sede, fortaleceram suas posições e propugnaram uma aliança que não estivesse subordinada nem aos interesses norte-americanos e nem aos interesses soviéticos. Nasceu ali o chamado *Movimento dos Países Não Alinhados* (Vizentini, 2000, p. 207).

Um ano depois Gamal Abdel Nasser nacionalizou o Canal de Suez, gerando um ataque anglo-francês ao Egito, surpreendentemente fracassado. Entre outras coisas, um sinal de que essas antigas potências coloniais não conseguiriam, ou a elas não seria permitido, manter suas possessões seculares.

Em 1957, Gana logrou sua independência frente à Grã-Bretanha, sob a liderança do socialista Kwame Nkrumah. Em 1958, como afirmei na introdução deste artigo, os ingleses criaram a Federação das Índias Ocidentais, tentativa de controlar ou mesmo arrefecer o processo independentista de suas colônias no Caribe. Em 1959, Cuba realizou sua revolução nacionalista (mesmo ano do início da etapa norte-americana da Guerra no Vietnã) (D'agostinho, 2009, p. 107).

Em 1960 se deu a independência de dezessete países africanos, fortalecendo o movimento dos não alinhados e o ideário pan-africanista. Este último repousava no entendimento de alguns líderes políticos da região de que o continente, em processo de descolonização, só seria capaz de garantir esse próprio processo e avançar para níveis satisfatórios de desenvolvimento econômico e democracia política através de uma união de esforços de suas nações. O ano de 1960 foi batizado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como “ano internacional da África” (Knight, 1990, p. 301).

Naquela altura, havia internacionalmente vários modelos econômicos e políticos a serem seguidos ou servidores de inspiração. Líderes que se apegaram diretamente aos modelos do Ocidente capitalista tiveram maior

apoio dos países centrais. Pelo contrário, cada nova classe dirigente que demonstrou simpatia e buscou apoio no mundo socialista, URSS e China sobretudo, sofreu variadas sanções, de boicote econômico ao assassinato puro e simples. Daí um estudo de caso de cada país se faz necessário para sairmos desse plano genérico à concreticidade da experiência histórica, inclusive de casos em que a metrópole se meteu em guerra aberta tentando evitar o processo (Hobsbawm, 1999).

Para este artigo, importa explorar particularidades do que viria a ser a Tanzânia. Chamada de Tanganica, era uma entidade política com centenas de línguas e costumes que, embora variados, conferiam uma espécie de identidade. Estava localizada na África Oriental, no litoral do Oceano Índico, nas imediações da região conhecida como “chifre da África”. De colonização inglesa, a Tanganica possuía o ponto mais alto do continente, o Kilimanjaro, e o mais baixo, as profundezas do lago de mesmo nome (lago Tanganica). Embora possuidora de jazidas minerais, como ouro, a grande diferença para as outras regiões era o seu solo agricultável e fértil, bem como vastas áreas florestais.

Havia um movimento político importante. O principal partido era o TANU (*Tanganyika African National Union*), fundado em 1954 e liderado por Julius Nyerere, de inspiração socialista. Em 1961, o TANU publicou o panfleto *Ujamaa: The basis of African Socialism*, que ficaria marcado na história (Barbosa, 2019, p. 91). No final de 1962, a 13 de dezembro, Tanganica logrou sua independência, sob a liderança do TANU, via uma negociação com os britânicos. A ilha de Zanzibar tornou-se independente um ano depois, em 10 de dezembro de 1963. Ainda nas tratativas para sair da condição de colônia e vir a ser uma nação independente dentro da *Commonwealth*, Nyerere exigiu a expulsão da África do Sul daquela comunidade por conta do *apartheid*. Posteriormente, proibiu o comércio e as viagens de seus cidadãos para este país (Nzomo, 1999, p. 179 *apud* Wache, 2017, p. 73).

A ilha independente passou a ser governada pelo sultão Muhammad Hamadi, o que descontentou os movimentos sociais ascendentes. Hamadi era sinônimo da manutenção do antigo regime, concentração de renda no topo e pobreza generalizada, governando junto com os partidos PNZ (Partido Nacional de Zanzibar) e PPZP (Partido do Povo de Zanzibar e Pemba). Assim, um rápido movimento levou ao poder o Partido Afro Shirazi (ASP), o qual em

12 de janeiro de 1964 derrubou o sultão e declarou uma revolução (Wache, 2017, p. 63). A liderança ficou a cargo de Abeid Karume.

De acordo com Barbosa, essa disputa chamou a atenção dos Estados Unidos, URSS e China. Nyerere chegou a um acordo então com Karume, de sorte a evitar uma invasão por alguma dessas potências. Zanzibar se tornou independente do Reino Unido para entrar numa federação com Tanganica. Em 23 de abril de 1964 nasceu a República Unida da Tanzânia (nome derivado da junção):

A criação da Tanzânia não era a favor de nenhum dos poderes da Guerra Fria, mas um movimento para manter esses conflitos fora do Leste Africano. Nyerere poderia dizer ao embaixador americano que ele tinha “contido a podridão” em Zanzibar, bloqueando a infiltração comunista, ainda que a influência socialista só teria crescido no governo da Tanzânia (Bjerk, 2017, p. 70 *apud* Barbosa, 2019, p. 92).

Assim, a *Ujamaa* passou a ser definida como um socialismo não alinhado nem aos Estados Unidos, nem à União Soviética. Uma peculiaridade do campo de força em que emergiu a Tanzânia independente e unida. Karume seguiu na vice-presidência da República Unida da Tanzânia entre 1964 e 1972.

De acordo ainda com Barbosa, a ofensiva norte-americana no Congo e no Vietnã mostrava, aos movimentos independentistas africanos, que qualquer país novo que aspirasse ao socialismo provavelmente sofreria graves sanções militares. Diante disso, ao invés de recuar, Nyerere acelerou a *Ujamaa* através de uma rápida centralização econômica, instituindo o governo de partido único, plasmando o ideário socialista no exército e no setor estatal da economia e trazendo os “sindicatos, movimentos juvenis e denominações regionais para uma aliança com o Partido” (Barbosa, 2019, p. 92). Externamente manteve a retórica de não alinhamento, enquanto que, internamente, fortaleceu sua ideologia e sua capacidade de controle.

A circular presidencial número 2, publicada na segunda metade de 1964, versou sobre a política externa do novo país:

A defesa da Liberdade, Justiça e Igualdade. A salvaguarda da soberania, da integridade territorial e da independência política da República Unida da Tanzânia (RUT). O apoio das lutas contra o colonialismo, racismo e neocolonialismo. O apoio aos povos oprimidos do mundo. A

promoção da Unidade Africana. A promoção do respeito pelo princípio de não interferência nos assuntos internos de outros Estados. O apoio às práticas da política do não-alinhamento. O apoio às Nações Unidas na promoção da Paz e Segurança Internacional. A promoção do princípio da boa vizinhança (*apud* Wache, 2017, pp. 65-66).

Destaque aqui para o apoio às “lutas contra o neocolonialismo”, ao “não alinhamento” e à “unidade africana”, um ideário caríssimo aos partidos socialistas que chegaram a governar os países da região.

Atritos com os países centrais se tornaram incontornáveis. Em 1965, a Tanzânia rompeu relações com a Alemanha Ocidental (por ter justamente reconhecido e inaugurado relações com a Alemanha Oriental). Em busca de novos parceiros, Nyerere viajou a Pequim, ficando impressionado com a experiência da China popular.

Em novembro daquele mesmo ano, o embaixador tanzaniano em Kinshasa, no Congo, interceptou uma mensagem da diplomacia norte-americana com planos para atacar o governo de Nyerere com força militar. Houve uma denúncia pública seguida de um esfriamento de relações entre Dar-es-Salaam e Washington (Wache, 2017, p. 72).

Em dezembro, a Tanzânia acusou uma rebelião dos brancos, com apoio Ocidental, contra os negros na então Rodésia do Sul, atual Zimbábue. Por conta disso, rompeu relações com a Grã-Bretanha, sendo o primeiro país da *Commonwealth* a realizar tal ato.

O ponto de não retorno, por assim dizer, se deu em 5 de fevereiro de 1967. Num encontro do partido na cidade de Arusha, Nyerere declarou oficialmente o caráter socialista do governo tanzaniano, completando um processo, iniciado meses antes, de nacionalização das indústrias e da estruturação de fazendas comunais no interior do país. A chamada *Arusha Declaration* passou a nortear doravante o sentido do desenvolvimento econômico e do sistema político como um todo.

Dados o tamanho do país e o de sua população, grandes, se comparados aos outros países, a Tanzânia passou a desenvolver um papel protagonista das relações internacionais do entorno. Na opinião de Paulo Mateus Wache:

As duas regiões, África Oriental e África Austral, na percepção tanzaniana representavam duas faces da mesma moeda. Pois a Tanzânia via a África Oriental como fonte de insegurança econômica devido à robustez econômica do Quênia e do (sic) Uganda, daí a vontade de formar uma federação. Em relação a África Austral a Tanzânia via-a como fonte de insegurança militar devido à existência do colonialismo português em Moçambique e Angola, do governo minoritário no Zimbábue e do apartheid na África do Sul e na Namíbia. A percepção de insegurança econômica proveniente da África Oriental fez a Tanzânia investir numa política externa federalista. A percepção de insegurança militar proveniente da África Austral, dentro de um contexto anticolonialista e pan-africanista da década de 1960 combinada com a liderança de Nyerere fundada no *Ujamaa*, impeliu a Tanzânia a apoiar os países dessa região tornando-se dessa forma o berço da revolução para os países da África Austral (Wache, 2017, p. 68).

Para lá se dirigiam vários grupos revolucionários baseados no socialismo e no pan-africanismo, de modo a se municiarem de ajuda material e ideológica na luta contra o neocolonialismo.

Com a independência da Tanzânia, em 1961 muitos movimentos de libertação da África do Austral (sic) foram acolhidos e apoiados na sua luta pela independência dos respectivos países de origem. Este foi o caso da União Democrática Nacional de Moçambique (UDENAMO), *Mozambique African National Union* (MANU) e União Nacional Africana de Moçambique Independente (UNAMI) (grifo no original) que se uniram e formaram a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) a 25 de junho de 1962 em Dar-es-Salaam. Outros movimentos de libertação da África Austral como *African National Congress* (ANC), *South West Africa People's Organization* (SWAPO), Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), *Zimbabwe African National Union* (ZANU) entre outros movimentos foram acolhidos na Tanzânia. Este comportamento da Tanzânia foi logo reconhecido pelos líderes africanos, que quando da criação da Organização da Unidade Africana (OUA), a 25 de março de 1963, decidiram que o Comitê de Libertação daquela organização teria a sua sede em Dar-es-Salaam (Nzomo, 1999, p. 189 *apud* Wache, 2017, p. 71).

Com efeito, mesmo com as severas limitações internas na capacidade de crescimento econômico, a Tanzânia se revestia de uma importância central para a logística das lutas internacionais. Essa faceta julgo crucial para a militância de Rodney no pan-africanismo.

Em relação à África Oriental, ou seja, aos países mais próximos da Tanzânia, não foi possível estabelecer a tão aspirada federação, uma das condições importantes para que a *Ujamaa* se desenvolvesse. Esta passou a se fixar cada vez mais na agricultura comunal, cooperativas produtivas e

educação nas aldeias, incapaz de acoplar *pari passu* a industrialização e a ajuda técnica dos países centrais (Wache, 2017, p. 69).

Um exemplo trazido por Rydenfelt ilustra as dificuldades do avanço do socialismo tanzaniano sem uma planificação com os países vizinhos. Com o preço dos produtos agrícolas tabelados, muitos produtores passaram a vender suas mercadorias no vizinho Quênia, de economia capitalista e com preços mais atrativos (Rydenfelt, 1986, *apud* Wache, 2017, p. 70). Isso enriqueceu alguns camponeses e vilas em detrimento de outras, bem como colaborou para a carestia de alimentos no mercado interno. Nos anos 1970, Nyerere chegou a fechar por seis anos a fronteira da Tanzânia com o Quênia, tentando evitar esse contrabando.

No que tange o internacionalismo pan-africanista, a ausência de uma federação atingiu a logística da movimentação dos grupos armados. A Zâmbia, por exemplo, quando da sua independência, em 1964, aceitou os acordos diplomáticos com a Tanzânia, enquanto que o Malawi optou pelo rechaço dessa direção e ao apego à Moçambique, ainda colônia, Zimbábue e África do Sul. O MPLA de Angola e a FRELIMO de Moçambique, no caminho para a Tanzânia, tinham tráfego livre na Zâmbia, mas bloqueado no Malawi (Wache, 2017, p. 73). Após sua independência, Moçambique ajudou a Tanzânia na luta contra a Uganda de Idi Amin Dada, numa intervenção armada ocorrida em 1978 e 1979 (Wache, 2017, p. 74).

3 Walter Rodney e a Tanzânia

Ao terminar seu doutorado em História da África, em fins de 1966, Rodney escolheu lecionar e continuar suas pesquisas na África. Naquela época, mais fácil que solicitar diretamente uma vaga aos governos africanos era se dirigir ao *British Ministry of Overseas Development*, que faria a intermediação.

My return to Africa was never an end in itself. It was always a means to an end, to me anyway. It was always with the understanding that I would return to the Caribbean or something that could go on there. I also felt that one of the ways in which one could mobilize was picking

up a certain amount of information within an experience on the African continent itself (p. 33).²

O objetivo era retornar ao Caribe, via África. À época, a experiência socialista na Tanzânia estava sendo bastante discutida internacionalmente. Daí a escolha do autor para passar dois anos trabalhando naquele país enquanto professor universitário.

Naquele início de 1967, quando Rodney assumiu o posto de professor na *University College of Dar es Salaam*, havia várias contradições perpassando a sociedade tanzaniana. Segundo ele, o país vivia uma efervescência cultural e econômica, advinda das novas parcerias internacionais, investimentos na exploração de matérias-primas e um horizonte de expectativa em torno de um país recém-independente.

Por outro lado, a Universidade seguia um padrão conservador:

The University of Dar es Salaam grew up, therefore, within this tradition of being an extension of a metropolitan academic institution, following the same norms, and very consciously, in fact, setting itself to measure up to what are called international standards, which, in effect, means the standards set by the parent institution (p. 36).³

Rodney afirmava que todas as universidades das ex-colônias britânicas seguiam esse padrão, tanto na organização burocrática quanto no que chamaríamos hoje de projeto político pedagógico. Ou seja, a universidade estava organizada para receber poucos alunos, treiná-los em habilidades técnicas e administrativas objetivando a formação de elites dirigentes, tendo como pano de fundo a internalização de valores culturais e econômicos da Europa.

Como apontado acima, a *Arusha Declaration* se deu em fevereiro de 1967. Ao mesmo tempo em que justificava o caminho econômico que já estava sendo desenvolvido, de centralização e estatização da economia,

² “Meu retorno para África nunca foi um fim em si mesmo. Sempre foi um meio para se chegar a um fim, para mim pelo menos. Foi sempre com esse entendimento que eu retornaria ao Caribe ou algo que pudesse continuar por lá. Também senti que uma das maneiras que as pessoas poderiam se mobilizar era pegando uma quantidade de informações dentro de uma própria experiência no continente africano.”

³ “A Universidade de Dar-es-Salaam cresceu, portanto, com essa tradição de ser uma extensão das instituições acadêmicas metropolitanas, seguindo as mesmas normas e muito consciente no fato de buscar estar à altura dos chamados padrões internacionais, os quais, com efeito, significam os padrões das instituições mães.”

assumia o caráter socialista do país, implicando transformações em todas as esferas da vida cultural e política.

Na universidade, Rodney passou a se encarregar, junto com alguns outros professores, de reforçar e desenvolver a perspectiva marxista e socialista:

There were perhaps only a few individuals, but nevertheless it was a community that was operating. We had a degree of freedom which was greater and remains greater than that which is accorded academics in most parts of the Third World. That allowed us to pursue scientific socialist ideas within a political framework that was not necessarily supportive of those ideas, but was not repressive in any overt sense (p. 38).⁴

Tratava-se de iniciar uma tradição universitária socialista na Tanzânia.

Justamente nesse ponto residia um problema para o autor. Por ser estrangeiro, e dominar ainda pouco o *swahili*, limitava-se única e exclusivamente ao trabalho dentro da universidade, nada “fora dos muros”. Por outro lado, havia um aspecto positivo, em sua visão, de não assumir um papel mais direto na luta pela construção do socialismo naquele lugar. Isso deveria ser obra dos tanzanianos e tanzanianas. Rodney entendia-se como um ajudante, mediador da cultura e do ensino. Como estrangeiro, considerava que não poderia ir além disso.

O governo de Julius Nyerere incrementou suas políticas. Criou um movimento de “descentralização”, isto é, transferência de quadros administrativos da universidade e de outros órgãos estatais para o interior do país, sobretudo a parte sul, bastante isolada da capital e demais cidades importantes.

Era uma prática que, na época da colonização britânica, servia como punição a um mal administrador. No socialismo tanzaniano se revestiria de outro caráter, segundo Rodney, de imbricação maior com a população rural e potencialização de suas capacidades. Tinha a ver tanto com grupos de alfabetização nas aldeias e também efetivação de projetos econômicos como irrigação, dinamização da agricultura e pecuária etc.

⁴ “Talvez houvesse apenas alguns indivíduos, não obstante, era uma comunidade que estava operando. Nós tínhamos um patamar de liberdade que era grande e permaneceu maior se comparado às outras academias na maior parte do Terceiro Mundo. Isso nos permitiu procurar ideias científicas socialistas dentro de um quadro político que não era necessariamente solidário com essas ideias, mas que também não era repressivo em qualquer medida.”

Com efeito, Rodney pensou seriamente em se naturalizar tanzaniano, o que acabou não ocorrendo. Para ele, a questão da cidadania iria muito além de um *status* formal. Tinha a ver com uma inserção cultural que, por não ter nascido e crescido no local, jamais adquiriria a contento:

One must have a series of responses and reflexes that come from having lived a given experience. One must be able to share a joke because of a nuance in language and pronunciation. One must be able to go into the marketplace, in the case of Tanzania, and bargain in the Swahili manner without being perceived as an outsider (p. 42).⁵

Foi isso que levou o autor a retornar ao Caribe, à Jamaica, e posteriormente à sua terra natal, Guiana.

Embora o processo intrínseco do desenvolvimento capitalista na África tenha se dado de maneira violenta, naquele momento, na Tanzânia, a luta nacionalista e anticapitalista se desenhava de maneira um tanto quanto pacífica, com a consolidação de uma força de esquerda no poder e o espraio ao longo da sociedade. Em outras palavras, não havia guerrilhas ou enfrentamentos bélicos como em outros lugares do entorno regional, entre eles Guiné Bissau ou em Angola. Sobre isso, Rodney explicou seu ponto de vista, favorável, quando necessário, à luta armada:

*My insistence on the preeminence and leading role of the armed struggle is not based on violence **per se** (grifo no original), but on the political dimension of the revolutionary violence. This dimension is the highest form of politics that exists on the African continent, because as a precondition of its success the armed liberation movements were required to develop their ideological perspectives. They were required to become very self-conscious about these perspectives and to ask themselves whether their old bourgeois ideology was sufficient to lead the struggle (p. 45).⁶*

⁵ “Deve-se ter uma série de resposta e reflexos que só vem com uma determinada experiência de vida. Deve-se ser capaz de partilhar uma piada por conta da nuança da língua e da pronúncia. Deve-se ser capaz de ir ao mercado, no caso da Tanzânia, e barganhar na maneira swahili sem ser notado como um estrangeiro.”

⁶ “Minha insistência na proeminência e no papel de liderança da luta armada não é baseada na violência *per se*, mas numa dimensão política da violência revolucionária. Essa dimensão é a mais alta forma de política que existe no continente africano, porque como pré-condições de sucesso dos grupos de libertação armada é requerido um desenvolvimento de suas perspectivas ideológicas. Eles necessitam tornarem-se bem autoconscientes em relação a essas perspectivas e se perguntarem até que ponto a velha ideologia burguesa é suficiente para guiar a luta.”

A luta de libertação através das armas estaria num patamar superior, mais desenvolvido do ponto de vista ideológico e mais radical do ponto de vista político, o que fazia com que muitos intelectuais e simpatizantes de esquerda recuassem frente a esse desafio. A meu juízo, Rodney criticava veladamente o pacifismo de muitos simpatizantes das lutas africanas, se furtando de fazer qualquer comentário crítico ao governo da Tanzânia.

Num plano mais geral, o autor tratava do nacionalismo africano, que não se confundia com o socialismo, embora em muitos lugares pudessem caminhar juntos. Mesmo líderes considerados conservadores, como Mobutu, reivindicavam melhores condições de trocas no comércio internacional, o que era, basicamente tentar escapar dos preços mais caros das manufaturas que chegavam, naquele momento em sua maioria, dos EUA, Austrália e Canadá.

Buscar outros fornecedores, basicamente os países do bloco socialista, por si só alavancava o debate interno na África sobre o neocolonialismo e a necessidade de os Estados recém-independentes se fortalecerem e questionarem o monopólio comercial dos países ocidentais. Pois esses insistiam na velha fórmula de comprar barato a matéria-prima africana e vender caro as manufaturas.

Desse ponto advinha a possível resistência dos Estados Unidos contra esses processos. A potência líder do bloco Ocidental jamais cederia de bom grado sua predominância política e econômica em qualquer lugar do continente. Sobre isso, Rodney acreditava que os norte-americanos investiriam na aliança com a elite branca ainda poderosa, como na África do Sul, e na ascensão da pequena burguesia nos países de elite política negra. Além do que:

Dismemberment has Always been a policy. If a country appears to be too strong, they start talk about federalism. They did it in Nigeria. They tried it in Ghana and it failed. In a sense, they tried it n the old Congo, and it failed mainly because the U.S. ultimately had a vested interest in keeping the Congo centralized, since the U.S. saw that they could control the central government and it was better to keep it as one state (p. 61).⁷

⁷ “O desmembramento sempre foi uma política. Se um país aparece demasiado forte, eles começam a falar sobre federalismo. Eles fizeram isso na Nigéria. Eles tentaram isso em Gana e falharam. Num certo sentido, eles tentaram isso no antigo Congo, e falharam sobretudo porque os EUA ultimamente se revestiram do interesse de manter o Congo centralizado, a partir do momento em que os EUA perceberam que podem controlar o governo central, sendo melhor mantê-lo como um único país.”

Sobre a África do Sul, os EUA a fortaleciam economicamente, incentivando os países do entorno a entrarem em alianças e blocos comerciais com ela, colocando em desvantagem comercial países não aliados.

In Africa there have been created certain zones of imperialism in which nowadays you'll find that, for instance, Nigeria is controlling an area around the boundaries of Nigeria, Zaire is controlling an area around Zaire. Therefore, the U.S. doesn't have to be constantly looking over the shoulder of each general as he changes from day-to-day in any small African state. They just create the instability through imperialism, but they deal with one of these other established intermediaries, such as whoever governs the state of Zaire. In this sense, therefore, this dimension to imperialism policy will restrict them from contemplating, I think, armed force in the first instance (p. 62).⁸

Rodney era instado a relacionar a formação capitalista da África com aquele momento da história:

These internal constraints result from class formation in Africa, where the class in power represents either a direct continuation of imperialism exploitation, serving as its compradors, or (and this is more subtle development), its members represents themselves as a class and are prepared to modify or even confront imperialism on certain issues, but are not prepared to disestablish their political power (p. 64).⁹

Na América Latina, o fato de as independências, em sua maioria, terem ocorrido no início do século XIX teria permitido a formação, no século XX, de grupos de intelectuais ligados à agenda nacionalista, o que Rodney entendia ser a teoria da dependência e as consequências dela tiradas. Ainda não havia uma década de independência de países africanos, o que significava uma aceleração na formação dessas elites intelectuais, mas que, até então,

⁸ “Na África têm sido criadas certas zonas do imperialismo nas quais você vai encontrar hoje, por exemplo, a Nigéria controlando uma área em torno das fronteiras da Nigéria, Zaire controlando áreas em torno do Zaire. Assim sendo, os EUA não precisam estar constantemente olhando por cima do ombro de cada general que queira todo dia mudar para um pequeno novo Estado africano. Eles criam somente instabilidade através do imperialismo, mas eles lidam com um desses outros intermediários estabelecidos, como qualquer que sejam esses que governam o Estado do Zaire. Nesse sentido, portanto, essa dimensão da política imperialista irá restringi-los da possibilidade, eu acho, de usar força armada num primeiro momento.”

⁹ “Esses constrangimentos internos resultantes da formação classista na África, onde a classe no poder representa também uma continuação direta do imperialismo explorador, serve aos seus compradores, ou (e isso é mais um sutil desenvolvimento), seus membros representam eles mesmos como classe e são preparados para modificar ou mesmo confrontar o imperialismo em certos assuntos, mas não estão preparados para desestabilizar a política de poder do imperialismo.”

apareceriam mais dispersas e atrasadas, se comparadas ao continente americano.

O autor tocava na questão das nacionalizações:

In the last few years, nationalization has become common, but the moment that it became common you found a significant sector of young Africans immediately raising questions about its sufficiency, about its adequacy. They didn't simply lean back and say, we have done it, we have nationalized, we are therefore progressive. They started instead to say, now having nationalized, is it really true that we have advanced in ways that we expected to advance? They started to raise new questions about control, about management, about the class relations in production, and so on (p. 68).¹⁰

A questão da industrialização, para essa jovem classe de *intelligentsia* africana, começou a pesar de maneira absoluta. O primeiro entendimento era de que, como o sistema colonial separava países exportadores de manufaturas e países exportadores de matérias-primas, construir indústrias locais seria a panaceia. Assim se teria dado, sobretudo, na Nigéria, Senegal, Gana e Kenya. Porém, as indagações se seguiram no sentido de quem estaria lucrando com essas indústrias, quem as controlava e como elas contribuíam – ou não – para o aplacamento do subdesenvolvimento de cada nação.

De acordo com o autor, essa industrialização não estava fomentando nem maiores patamares de soberania econômica, nem melhores condições de trabalho e de vida para a população local. Os países tendiam a aumentar suas dívidas, as mercadorias se tornavam mais caras e o custo de vida mais alto. Apenas uma elite econômica e clânica, em alguns lugares, se beneficiava diretamente.

*It is out of those inadequacies that people have felt the need to say, we want to talk about **ujamaa** (grifo no original) because we believe that this is a solution to increasing impoverishment of large sections of Tanzania's rural population, while only a few get land and wealth. Then they go beyond that – when some others question whether **ujamaa** (grifo no original) or nationalization is enough. It is because they can point to the fact that workers themselves express a dissatisfaction, an*

¹⁰ “Nos últimos anos, as nacionalizações se tornaram comuns, mas no momento em que elas se tornaram comuns você acha um significativo setor de jovens africanos imediatamente levantando questões se isso é suficiente ou adequado. Eles simplesmente não se inclinam para trás e dizem, nós fizemos isso, nós nacionalizamos, nós somos, portanto, progressistas. Ao invés disso eles começam a dizer, agora que nacionalizamos, é realmente certo que nós avançamos nos termos que esperávamos avançar? Eles começam a levantar novas questões sobre controle, sobre gerenciamento, sobre relações de classe na produção, e por aí fora.”

*ongoing dissatisfaction, with the lack of change or betterment in their social situation (p. 71).*¹¹

Rodney acreditava que o movimento sindical na África, tanto nas empresas estatais quanto nas empresas privadas, ainda era pequeno, se comparado aos desafios impostos sobre os trabalhadores pela economia de mercado. Havia a esperança de que esse tipo de organização crescesse exponencialmente no decorrer dos anos. Em todo caso, uma industrialização capitalista não seria a solução para Rodney. O processo de industrialização deveria ser enfeixado pela *ujamaa*.

4 De volta à América: a guerrilha intelectual

Após as reflexões sobre a experiência na Tanzânia, Rodney passou a discutir o movimento negro, o socialismo e a luta anticolonial em um pano de fundo mais geral, a partir de sua militância e estudo em três regiões, América do Sul, Caribe e África:

*One of the most important of our responsibilities is to define our own situation. A second responsibility is to present that definition to others parts of the black world, indeed, to the whole progressive world. A third responsibility, and I think this is in order of priority, is to help others in a different section of the black world upon their own specific experience (p. 81).*¹²

O foco passou a ser a questão de raça e classe na revolução socialista. Uma diferença significativa ao falar de raça em um país africano ou nos Estados Unidos, assim como classe em continentes tão díspares do ponto de vista da formação histórica.

O autor valorizava sobremaneira a militância dos Panteras Negras, criticando intelectuais que porventura tentavam aplicar uma linha única de

¹¹ “É dessas inadequações que as pessoas sentiram a necessidade de dizer, nós queremos falar sobre a *ujamaa*, porque nós acreditamos que essa é a solução para o crescimento do empobrecimento de amplos setores da população rural da Tanzânia, enquanto só uns poucos conseguem terra e riqueza. Então eles vão para além disso, quando outros questionam se a *ujamaa* ou nacionalização são suficientes. É assim porque eles podem apontar para o fato de que os próprios trabalhadores expressam insatisfação, uma contínua insatisfação pela falta de oportunidades ou melhora nas suas situações sociais.”

¹² “Uma de nossas mais importantes responsabilidades é definir nossa própria situação. Uma segunda responsabilidade é apresentar essa definição para os outros setores do mundo negro, de fato, para todo o mundo progressista. Uma terceira responsabilidade, e eu acho que essa é uma ordem de prioridade, é ajudar os outros nas diferentes seções do mundo negro com base em suas próprias experiências específicas.”

revolução para todos os lugares e condições. Ressaltava cada especificidade de cada lugar, como por exemplo Cuba e EUA:

In Cuba there was no problem for the white working class to ally with the black working class to make a revolution, because the white working class was also a colonized working class in a peripheral area of the metropole and its system of capitalism production. Whereas in the U.S., the white working class is an imperialist working class (p. 87).¹³

Derivava daí a discussão sobre nacionalismo e socialismo:

Nationalism is a struggle for a whole people. Socialism is either an ideology or a new stage of society. Nationalism could lead to socialism or it could lead to capitalism. It could incorporate bourgeois ideology or socialist ideology... Are we really out emphasize socialism or should we deemphasize it as we move on? Should we place the emphasis analytically on race or should we place it on class? (p. 91).¹⁴

E o debate seguia nos termos da ênfase em raça ou na classe. Racismo, na África, teria emergido primeiro que a classe, assim deveria ser o eixo das lutas? Rodney afirmava que ambos estavam correlacionados no capitalismo, e que cada situação concreta deveria determinar a tal da ênfase. Destacava, obviamente, que o ideal seria uma luta de brancos e negros juntos pelo nacionalismo e pelo socialismo. Problema era que muitos quadros do movimento negro de então, na sua visão, rejeitavam qualquer tipo de aliança, tática ou estratégia com os partidos e sindicatos ou mesmo movimentos de maioria branca. E o contrário também ocorria.

A relação entre o marxismo e o movimento negro era considerada como profícua, sem embargo extremamente complicada. Por um lado, os líderes do movimento negro que não se identificavam com essa tradição enfatizavam os defeitos dos marxistas dogmáticos. Por outro, muitos marxistas reiteravam a centralidade do trabalho no projeto revolucionário,

¹³ “Em Cuba não existe problema para a classe trabalhadora branca se aliar à classe trabalhadora negra e fazer a revolução, porque a classe trabalhadora branca também foi uma classe trabalhadora colonizada na área periférica da metrópole em seu sistema de produção capitalista. Enquanto que nos EUA a classe trabalhadora branca é uma classe trabalhadora imperialista”.

¹⁴ “Nacionalismo é uma luta para todo o povo. Socialismo é tanto uma ideologia como uma nova forma de sociedade. Nacionalismo pode levar ao socialismo ou pode levar ao capitalismo. Ele pode incorporar ideologia burguesa ou ideologia socialista Nós estamos realmente enfatizando o socialismo ou nós devemos deixar de enfatizar isso conforme avançamos? Nós devemos colocar ênfase analiticamente na raça ou nós devemos colocar ênfase na classe?”

desconfiando sobremaneira da questão racial. Rodney se entendia como exceção, junto com alguns outros marxistas negros, afirmando que o trabalho assalariado era negro e branco e que uma junção, na prática, entre as perspectivas radicais era fundamental para o fortalecimento das lutas.

Havia, porém, peculiaridades marcantes:

At this particular time, for this era, I believe that our history imposes upon a black Marxist the necessity to operate almost exclusively, certainly essentially, within the black community... I should go further and say, where there is no historical privilege, because while there may not be a sharp class difference between a black worker and a white worker, there are certainly differences of historical privilege in all respects – culturally, politically, economically, and in terms of social mobility (p. 102-103).¹⁵

A questão também era de terminologia, ou seja, a linguagem da perspectiva marxista, tal como plasmada na tradição ocidental, não atingiria corações e mentes do movimento negro, tampouco da população negra em escala mundial.

It seems to me, without throwing out of the window the concept of the proletariat, surely the difference between the black and white proletariat is at least as significant conceptually as the difference between middle peasant and poor peasant, which very often was a small difference that nevertheless was politically important. The differences between the white working class as a whole and black working class as a whole must surely be more politically important than that between a poor and a middle or even a rich and a middle peasant (p.104).¹⁶

Assim, o autor afirmava uma espécie de heresia: *“at the present moment, to the extent that we want to say that there are in fact, two*

¹⁵ “Nessa época particular, nessa era, eu acredito que nossa história impõe aos marxistas negros a necessidade de operar quase que exclusivamente, certamente essencialmente, na comunidade negra ... Eu devo ir mais longe e dizer, onde não existe nenhum privilégio histórico, porque enquanto talvez não haja uma acentuada diferença entre trabalhador negro e trabalhador branco, existe certamente diferenças nos privilégios históricos em todos os aspectos – cultural, político, econômico e em termos de mobilidade social.”

¹⁶ “Me parece, sem jogar pela janela o conceito de proletariado, que a diferença entre o proletariado negro e o proletariado branco é certamente no mínimo tão significativa conceitualmente quanto a diferença entre o camponês médio e o camponês pobre, o que frequentemente é uma pequena diferença que, não obstante, é importante politicamente. A diferença entre a classe trabalhadora branca como um todo e a classe trabalhadora negra como um todo deve ser certamente mais importante politicamente do que aquela diferença entre pobre e médio ou mesmo rico e médio camponês.”

different classes, surely we must open up our perspectives" (p. 104)¹⁷. Isto é, era preciso considerar a existência de uma classe trabalhadora branca e uma classe trabalhadora negra, tirando as consequências políticas e organizacionais de tal fato.

E seguia com a crítica aos seus pares marxistas:

Some people who have been talking about Marxism for some while and who have a grasp of theory, in my opinion, don't seem to want to break loose from previous categories. This is strange, because in the Third World currently analysts are dealing with whatever situation comes up ... The phenomena of a race encrusted within a class in the particular way that the black working class is situated and functions is definitely not found anywhere else (pp. 104 - 105).¹⁸

A questão era que, se um marxista aparecesse para a classe trabalhadora negra dizendo que não haveria diferenças marcantes do ponto de vista racial na classe como um todo, provavelmente seria desacreditado de saída. O marxismo europeu e soviético não daria conta das peculiaridades da formação social caribenha e americana, necessitando de novos conceitos e novas estratégias.

Por fim, ao refletir sobre seu próprio papel enquanto revolucionário, acadêmico, historiador e organizador do movimento negro, Rodney avançava no conceito de "guerrilha intelectual":

Black people are here in these institutions as a part of the development of black struggle, but only as a concession designed to incorporate us within the structure. I use the term "guerrilla intellectual" (aspas do original) to come to grips with the initial imbalance of power in the context of academic learning. (p. 111).¹⁹

¹⁷ "No momento presente, na medida em que queremos dizer que existem, de fato, duas classes diferentes, certamente devemos abrir nossas perspectivas."

¹⁸ "Algumas pessoas que falam sobre o marxismo há algum tempo e que entendem de teoria, na minha opinião, não parecem querer se desvencilhar de categorias prévias. Isso é estranho, porque atualmente no Terceiro Mundo os analistas estão lidando com todas as situações que aparecem ... O fenômeno de uma raça incrustada dentro de uma classe da maneira particular, como a classe trabalhadora negra está situada e funciona, definitivamente não é encontrado em nenhum outro lugar".

¹⁹ Os negros estão aqui nessas instituições como parte do desenvolvimento da luta negra, mas apenas como uma concessão destinada a nos incorporar dentro da estrutura. Uso o termo "guerrilha intelectual" para lidar com o desequilíbrio inicial de poder no contexto da aprendizagem acadêmica."

Muito embora o conceito possa parecer simples, podendo ser traduzido por batalhas das ideias ou ativismo docente, por exemplo, Rodney o entendia de um ponto de vista mais complexo:

What would be new about it? First of all, I think that many of us from the Third World, and I think that black people in this country are a part of this, felt that when we went into a given institution we were going there to become legitimate. The institution gave us legitimacy. The activity in which we were engaged was considered legitimate. I'm arguing for a transformation of this and an awareness that the legitimacy of the institution is a specific class legitimacy, and we do not want to accept that legitimacy. We want to find ways of breaking with it, so what whatever we may get in that environment we must get through struggle, and not because it is being given to us to legitimize us (p. 112).²⁰

Não seria o caso de reconhecer que a universidade seria branca e não pertence aos negros, cabendo aos últimos tirar o melhor dela e ir para um outro lugar. Seria mais reconhecer o caráter classista da universidade ou centro de pesquisa, para ocupá-la e transformá-la, “libertá-la”, na linguagem do autor. Não simplesmente negar o pensamento oriundo dos brancos, mas travar uma batalha em seus próprios termos:

A criticism that was raised earlier along these lines is that surely, after all, the struggle is outside and not within these institutions. These institutions are just an epiphenomena as far as black people's participation is concerned. I say no. I say this running away from the responsibility of the intellectual and academic class. The major and first responsibility of the intellectual is to struggle over ideas ... The first level of struggle for the intellectual is in his own sphere of operation (p. 113).²¹

²⁰ “O que haveria de novo nisso? Em primeiro lugar, acho que muitos de nós do Terceiro Mundo, e acho que os negros deste país fazem parte disso, sentimos que quando entramos em uma determinada instituição estamos indo para lá para nos tornarmos legítimos. A instituição nos deu legitimidade. A atividade em que estávamos envolvidos foi considerada legítima. Estou defendendo uma transformação disso e uma consciência de que a legitimidade da instituição é uma legitimidade de classe específica, e não queremos aceitar essa legitimidade. Queremos encontrar maneiras de romper com isso, então o que quer que consigamos nesse ambiente devemos conseguir através da luta, e não porque nos está sendo dado para nos legitimar.”

²¹ Uma crítica que foi levantada anteriormente nesse sentido é que certamente, afinal, a luta está fora e não dentro dessas instituições. Essas instituições são apenas um epifenômeno no que diz respeito à participação dos negros. Eu digo não. Eu digo que isso é fugir da responsabilidade da classe intelectual e acadêmica. A principal e primeira responsabilidade do intelectual é lutar através de ideias... O primeiro nível de luta para o intelectual está em sua própria esfera de operação.”

Para lutar internamente, Rodney exortava que os estudantes negros deveriam ser os melhores alunos de suas respectivas instituições de ensino, tal como ele havia sido enquanto estudante. Isso levaria a um grau de legitimidade dentro e nos termos do próprio campo intelectual. Todavia, não para se tornar um pensador negro no *establishment* intelectual, senão utilizar da posição para subverter a estrutura excludente e racista.

Não se tratava de participar de luta armada. Apesar do respeito e admiração por Ernesto “Che” Guevara, sempre citado em excelentes termos, o autor utilizava do exemplo do revolucionário cubano para reforçar seu argumento de separação entre luta intelectual e ação:

So the “guerrilla intellectual” is one who is participating in this whole struggle for transformation within this own orbit. His or her task is to operate within the aegis of the institution and the structure and to take from it and to transform it over time Expropriating bourgeois knowledge (p. 113).²²

Expropriar o conhecimento da burguesia, nesse sentido, significaria:

Not by running in there and thinking that our metaphysics are better than their metaphysics, but by understanding that there is a science in the analysis of society and that we should utilize the opportunity within these particular structures of learning and ideas to subvert the intention of the capitalists to reproduce us as members of their service class (p. 114).²³

A “guerrilha intelectual” também dizia respeito ao direcionamento do conhecimento acadêmico para o público negro, com instituições especificamente voltadas para esse fim:

At the same time, we need a more positive orientation than a simply reacting to white scholarship. Whether it be in black schools or in white schools or independent institutions I still see the constituency as first and foremost being a black constituency. I still feel that the people that

²² “Então o “intelectual guerrilheiro” é aquele que está participando de toda essa luta pela transformação dentro dessa própria órbita. A tarefa dele ou dela é operar dentro da égide da instituição e da estrutura e tirar dela e transformá-la ao longo do tempo. Expropriando o conhecimento burguês.”

²³ “Não correndo lá e pensando que nossa metafísica é melhor do que a metafísica deles, mas entendendo que há uma ciência na análise da sociedade e que devemos aproveitar a oportunidade dentro dessas estruturas particulares de aprendizado e ideias para subverter a intenção dos capitalistas em nos reproduzir como membros de sua classe de serviçais.”

one is attempting firstly to influence are black people, young black minds above all else (p. 114).²⁴

Nesse sentido, Walter Rodney retomava um tópico que já havia desenvolvido em *Groundings with my brothers*, qual seja, a necessidade de se produzir, com qualidade e rigor científico, uma historiografia sobre a África e sobre a diáspora africana no Caribe e nas Américas do ponto de vista africano. Os países recém-independentes careciam de uma reconstituição do passado a partir dessa angulação, pois naquela altura o que predominava eram manuais e histórias de maior fôlego com o pano de fundo da positiva presença das potências coloniais.

Outra questão relacionada era a criação de uma geração de *scholars* negros, que pudessem manter e expandir essa tradição de estudos africanos e de afro-americanos de um ponto de vista marxista, ou mesmo nacionalista africano. Não há detalhes, ao menos no trabalho que aqui analiso, sobre o que seriam esses últimos e de que maneira seria posto em prática. Rodney se preocupava com a necessidade de se criar um cânone de obras nesse estilo. Reclamava que era convidado para comentar livros sobre a temática africana que não eram relevantes de seu ponto de vista, senão do ponto de vista branco. Os livros mais interessantes, por serem radicais e críticos, eram deixados de lado pela academia.

Quanto aos orientadores de teses, o alto escalão dos centros de pesquisa e de concessões de bolsas de estudos, em suma, estaria hegemonizado por professores brancos, sem nenhum compromisso com a causa. A “guerrilha” tinha que desalojar esses professores, justamente através da cristalização de uma elite de pensadores negros universitários engajados.

Penso também que o autor se referia à necessidade da existência de uma historiografia que ressaltasse as conquistas tecnológicas e sociais das civilizações africanas através do tempo. O diagnóstico era de que, mesmo os estudantes negros engajados, não possuíam um material de qualidade nessa perspectiva. No geral, ainda predominava a visão de que os Europeus, mais

²⁴ “Ao mesmo tempo, precisamos de uma orientação mais positiva do que simplesmente reagir à erudição branca. Seja em escolas negras ou em escolas brancas ou em instituições independentes.... Ainda vejo a clientela como sendo, antes de tudo, uma clientela negra. Ainda sinto que as pessoas que se está tentando influenciar em primeiro lugar são negros, jovens mentes negras, acima de tudo.”

desenvolvidos em todos os aspectos, facilmente dominaram uma África atrasada e desunida.

Uma historiografia que reconstituísse o passado africano como tão importante, ou talvez mais até que o Europeu e municiasse os estudantes negros no Caribe com um orgulho em pertencer a essa tradição me parece uma das questões envolvidas na “guerrilha intelectual”. Haveria um complexo de inferioridade nefasto a ser combatido.

Na visão do autor, essas diretrizes afetariam jovens estudantes e pesquisadores brancos, que também seriam envolvidos pela “guerrilha intelectual”. Argumentava que os professores mais velhos, em sua maioria conservadores, não deveriam ser alvos ou coisa que o valha, mas sim seus alunos, expostos cada vez mais a um ponto de vista da história sob a perspectiva negra e marxista. Isso daria resultado na medida em que esse grupo também estava sob o tensionamento de contradições como o sexismo e a divisão de classe, da estrutura da economia de mercado, em suma.

Walter Rodney considerava o conhecimento erudito útil na medida em que se fusionasse com a cultura popular. Condenava o intelectual negro que, subindo na escala social e se tornando um *scholar*, passava a ser um reprodutor do sistema. Reivindicava, nos termos da “guerrilha intelectual”, que a carreira acadêmica era para tirar o intelectual negro da pobreza fazendo-o, ao mesmo tempo, organizador do movimento negro.

Considerava que o conhecimento como um todo só teria validade universal se fosse voltado para a libertação dos povos. Nesse sentido, julgo poder considerar em termos de *empowerment* a questão de produzir uma história da África para o movimento negro se municiar intelectualmente.

5 Considerações Finais

Walter Rodney tinha muito clara sua posição naquele momento da história. Era um historiador respeitado, com uma obra conhecida e cada vez mais difundida, líder identificado com o movimento negro e o socialismo.

Também possuía um considerável histórico de reflexão acerca das limitações e dificuldades de superação da sociedade capitalista, e uma sólida experiência prática nas lutas por esse objetivo, plasmada nos anos de trabalho e militância na Tanzânia.

Mas não era uma liderança de uma país socialista, como Julius Nyerere ou Fidel Castro. Daí, na minha opinião, a sua limitação nas considerações e respostas sobre os problemas a ele colocados. Era um professor em busca de uma transformação radical da sociedade como um todo, o que passava obviamente pela universidade. Ao mesmo tempo, era um militante que pleiteava levar ao mundo intelectual e acadêmico uma luta diuturna pela transformação prática e teórica do campo, daí a guerrilha intelectual.

Minha hipótese é a de que Rodney voltou para a Guiana visando essa possibilidade de subverter o regime cooperativista, aproveitando-se do prestígio que a ideia socialista detinha na sociedade guianesa, tornando-se assim mais um líder nacional do movimento socialista mundial. Como ele afirmou, a universidade seria seu lugar de legitimação, dinamizando sua prática revolucionária em toda a sociedade.

Como líder nacional, sua posição frente ao mundo político e intelectual seria completamente outra, ao falar não só por um movimento ou perspectiva teórica, senão um povo e uma nação.

Outrossim, naquele início dos anos 1970, havia um forte movimento político e cultural que demandava uma produção historiográfica nos termos de valorização da África e do papel dos negros na construção da América. Ciente disso, Rodney participou ativamente dessa produção, clamando para que se formasse um campo estruturado e desenvolvido nesse sentido, o que seria parte da “guerrilha acadêmica”.

Na visão de Tunde Akele, a “guerrilha intelectual” serviria: a) para atacar o conhecimento acadêmico que distorcia e inferiorizava o passado africano, b) se alastrar para o corpo social mais amplo e desconstruir os mitos da sociedade racista, c) se juntar ao movimento de massas, sendo estimulada e estimulando-o (Akele, 2000, p. 41).

Neste artigo, pontuei algumas questões sobre a descolonização africana, para depois centrar uma breve análise em peculiaridades da Tanzânia pós-independência. Feito isso, me concentrei em dois momentos da explanação do autor, qual seja, sua relação com a Tanzânia e a África em geral e suas posições em relação ao Caribe e à América, plasmado no conceito de guerrilha intelectual.

Penso que a articulação entre a luta anticapitalista, o movimento negro e o marxismo se apresenta até hoje em nossa realidade de maneira tensa e

articulada, com potencialidades e limites. Acredito que Walter Rodney enfrentou à quente essas questões, fornecendo respostas originais e um belo exemplo de pensamento e de luta.

Fonte

RODNEY, W. **Walter Rodney Speaks: The Making of an African Intellectual**. In: HILL, R. (org.). New Jersey: Institute of the Black World, 1990.

Referências

ADELEKE, T. Guerrilla Intellectualism: Walter A. Rodney and the Weapon of Knowledge in the Struggle for Black Liberation. **Journal Of Thought**, v. 35, n. 1, p. 37-59, 2000.

BARBOSA, P. O. De Ujamaa à Class Struggle: O Conceito de “Socialismo” em Disputa na África Pós-Colonial. **Historiae**, Rio Grande do Sul, v. 10, n. 2, p. 85-106, 2019.

BJERKE, P. **Julius Nyerere**. Columbia: Ohio University Press, 1998.

D'AGOSTINHO, T. J. Caribbean Politics. In: D'AGOSTINHO, T. J.; HILMAN, R. (ed.). **Understanding the Contemporary Caribbean**. Kingston: Ian Rendlen Publishers, 2009.

HOBBSBAWM, E. **Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

KNIGHT, F. **The Caribbean: the genesis of a fragmented nationalism**. New York, Oxford University Press, 1990.

NZOMO, M. The Foreign Policy of Tanzania From Cold War to Post-Cold War. In: WRIGHT, S. **African Foreign Policies**. Arizona/USA: Westview Press.

RODNEY, W. **The Groundings With My Brothers**. Londres: Bolgile-L'Ouverture Publications, 1983.

RYDENFELT, S. Lições de uma Tanzânia Socialista. **Portal Libertarismo**. Disponível em: <http://www.libertarianismo.org/index.php/artigos/licoes-tanzania-socialista/>. Acesso em: 09 mai. 2022.

SANTOS, M. Sonho e Pesadelo: Os problemas espaciais da transição ao socialismo no caso da Tanzânia. **Terra Brasilis: Revista da Rede Brasileira de História e Geografia e Geografia Histórica**, n. 13, 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/6522>). Acesso em: 06 mai. 2022.

VIZENTINI, P. F. A Guerra Fria. In: REIS FILHO, D.; FERREIRA, J.; ZENHA, C. (org.). **O Século XX: O tempo das crises**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

WACHE, P. M. Política Externa da Tanzânia. Combinando Interesses Regionais na África Oriental e Austral. **Revista Chilena de Relações Internacionais**, v. 1, p. 59-85, 2017.

WALLERSTEIN, I. Walter Rodney: the historian as spokesman for historical force. **American Ethnologist Review**. Binghamton: Fernand Braudel Center, 1986.

YABARA-BOUKARI, A. **Walter Rodney**: un historien engagé (1942-1980). Paris: Presence Africaine, 2018.